Dia 24 — Santa Catarina da Suécia, Virgem

Santa Catarina, filha de Ulfo de Gudmarsson, príncipe de Nerícia, na Suécia, e da célebre Santa Brígida, nasceu ao mundo pelos anos de 1330. Quis sua santa mãe criá-la a seus mesmos peitos e desta maneira a bendita menina mamou a devoção com o leite. Parece que se antecipou nela à idade o uso da razão. Desde o berço não teve outra inclinação que à virtude, tendo-se-lhe notado um sumo horror a tudo o que podia ferir ainda levemente a modéstia e não se lhe podendo dar maior gosto que ensiná-la a ter oração.

Mal a desmamaram, sua santa mãe, observando na menina tão belas disposições para a piedade, entregou-a à exemplar abadessa de Riseberga, para que à sua vista se educasse em seu religioso mosteiro. Sendo de sete anos, como um dia se tivesse posto a brincar com outras meninas em tempo em que devia estar fazendo costura, aquela noite recebeu em sonhos uma reprensão tão severa que despertou atemorizada e, desfazendo-se em lágrimas, para castigar aquele ligeiro gosto prometeu não voltar jamais a divertir-se em nenhum gênero de jogo, o que cumpriu exatamente toda a vida.

Foi Catarina uma das mais celebradas formosuras de seu tempo; e sua vivacidade, sua modéstia e sua eminente virtude mereceram-lhe o conceito universal de ser a mais cabal princesa de seu século. Por isso, logo que chegou à idade proporcionada, declararam-se pretendentes de sua mão os maiores senhores de todo o reino; e o príncipe seu pai, sem consultar a inclinação da filha nem atender à resolução que havia tomado de consagrar a Deus sua virgindade, deu-a por mulher a Egardo, um dos primeiros próceres da Suécia.

Em virtude da humilde rendição com que sempre havia estado sujeita à vontade de seus pais, contentou-se Catarina com representar o desejo que tinha de não admitir jamais outro esposo que a Jesus Cristo; mas não foi atendida. Cheia de confiança na Rainha das virgens, deu seu consentimento, sem dar seu coração, que havia consagrado a Deus, esperando que este Senhor lhe conservaria a soberana honra de esposa sua.

Com efeito, no mesmo dia da boda falou a santa a seu esposo com tanta eloquência, com tanta energia e com tanta graça sobre o valor e mérito da castidade e soube ponderar-lhe tão vivamente a ventura de conservar esta preciosa virtude ainda no estado mesmo do matrimônio que, prevenido Egardo da divina graça, deixou-se persuadir, e desde aquele mesmo ponto fizeram ambos voto de perpétua castidade e de viver como anjos numa santa união conjugal.

Premiou o Senhor aquele ato tão heroico com extraordinários favores. Derramou desde logo em seus puros corações aquela celestial unção que, enchendo de tédio todos os gostos do mundo, faz

suavíssimo e ligeiro o jugo do Senhor. O espírito dos dois santos esposos era um mesmo, e a um mesmo objeto anelava seu coração. Exercitavam-se como a competência na oração, na mortificação e em obras de caridade. Catarina, de sua parte, não pensando já mais que em parecer bem a Jesus Cristo, desde o segundo dia da boda desterrou toda gala sobressalente e todo adorno profano. Descontentou a muitos sua modéstia. Não teve olhos o mundo para ver sem muito enfado aquele exemplo numa senhora daquela elevação, daquela formosura e daquela idade. Um irmão seu chamado Carlos, homem vão e pouco devoto, não poupou meio algum para aborrecê-la e para fazê-la retroceder; zombarias insulsas, palavras ofensivas, interpretações malignas, risos, desprezos, de tudo se valeu para obrigá-la a mudar de conduta; mas toda a vingança que tomou Catarina foi inspirar o mesmo espírito de reforma a sua cunhada, mulher do mesmo Carlos.

Morto o príncipe seu pai, sua santa mãe Brígida determinou cumprir o desejo que anos antes tinha de passar a Roma para visitar aqueles santos lugares. Uma mansão em que encontrava tanta oportunidade e tanto incentivo para satisfazer sua devoção fê-la esquecer a Suécia. Fazia-se muito duro para Catarina viver tão distante de sua santa mãe, não podendo carecer tão longo tempo de sua vista e de seus exemplos. Por outra parte considerava Roma como o trono da religião e o centro da piedade, o que avivava nela o desejo de ir quanto antes gozar da amável companhia de sua mãe. Pediu licença a seu marido e, obtida, pôs-se a caminho sem dilação, desprezando os perigos de tão prolongada viagem.

Foi recíproco o gozo, e sua devoção se acrescentou logo com os mútuos exemplos. Como uma e outra aspiravam a um mesmo objeto, uma e outra se ocupavam nos mesmos exercícios. Passavam o tempo em fazer oração ante os sepulcros dos santos mártires, em visitar os enfermos e em todo gênero de obras de misericórdia.

Era então Catarina de só dezoito anos. Esta curta idade, junta com aquela rara formosura, a que davam maior lustre a virtude e a modéstia, obrigaram Brígida a ter sua filha um pouco mais encerrada, numa cidade cheia então de perigos para a gente jovem, tendo-se especialmente desenfreado a licença desde que os papas haviam trasladado sua sé e corte a Avinhão. Morreu por então Egardo, marido da santa, e, divulgada a notícia, os maiores senhores da Itália pretenderam a competência casar-se com a belíssima viúva, cativados das prendas que admiravam nela. Tendo-se negado a todos, tomaram alguns a resolução de roubá-la à força. Para este fim apostaram gente armada e dispuseram outros laços para apoderar-se dela quando ia fazer suas devoções; mas a providência de seu divino Esposo a livrou de todos os perigos à custa de repetidos milagres.

Vendo o inimigo da salvação que tinham mau êxito seus artifícios, valeu-se finalmente de um que faltou pouco para que não lhe saísse bem. A opressão com que tinham a santa donzela dentro de sua casa e a pouca liberdade que lhe deixavam para visitar os santuários de Roma fizeram-lhe tão tediosa a estada naquela cidade que só pensava já em voltar quanto antes à Suécia. Inutilmente se cansaram sua mãe e seu confessor em representar-lhe que aquele desamor ao retiro era tentação do inimigo. Encheu-se de uma profunda melancolia; cobriu-se seu formosíssimo rosto de uma cor pálida, macilenta e amarela; afundaram-se-lhe os olhos, e sua vivacidade tristemente amortecida sobressaltou a todos, e começaram a temer-se as mais funestas resultas, quando Santa Brígida, a quem o Senhor havia revelado o perigo a que se expunha sua filha se voltava tão cedo a seu país e a necessidade que tinha de conservar-se ainda a seu lado, ordenou-lhe que dobrasse as devoções,

que aumentasse as penitências e que pedisse particularmente à santíssima Virgem que lhe desse a conhecer o que Deus queria dela. Obedeceu Catarina e foi no ponto premiada sua dócil rendição. Pareceu-lhe ver em sonhos a Mãe das misericórdias, que com semblante severo lhe dizia que não tinha que esperar sua proteção uma alma ingrata que, esquecida do que havia prometido a Deus, só pensava em sua pátria terrena e, preocupada do desordenado amor de seus parentes, não admitia em seu coração mais desejos nem mais ânsias que voltar a vê-los. Fez efeito a correção; porque, despertando Catarina, envergonhada de sua inconstância e covardia, arrojou-se aos pés de sua santa mãe, dando-lhe palavra de obedecê-la em tudo e por tudo e de não se lembrar mais de sua viagem.

Desde então condenou-se a um recolhimento mais estreito. Seu jejum era contínuo e suas penitências maiores. Tinha todos os dias quatro horas de oração; rezava os salmos penitenciais com devotíssima ternura e acrescentava outras muitas devoções ao ofício parvo da santíssima Virgem, que desde sua meninice rezava indispensavelmente cada dia. À oração sucedia a costura, que só interrompia para dar por sua mão a esmola aos pobres peregrinos, para ler num livro espiritual ou para exercitar-se em outras muitas obras de misericórdia.

Enfastiada das coisas do mundo, perdeu até a memória delas. Suas ordinárias conversações com sua santa mãe eram sobre a paixão de Cristo, e era tal sua ternura que só com ver um crucifixo desfazia-se em lágrimas. Para satisfazer sua terna devoção empreendeu com sua mãe a peregrinação à Terra Santa. Tiveram muito que padecer em tão penosa viagem, que fizeram unicamente por reverenciar aqueles lugares consagrados com o suor e com os trabalhos do Filho de Deus. À vista daqueles sagrados sítios que o Salvador havia regado com suas lágrimas e com seu preciosíssimo sangue, comoveram-se tanto as piedosas entranhas de nossas duas peregrinas que Santa Brígida caiu gravemente enferma. O desejo de morrer em Roma obrigou-a a embarcar-se quanto antes, acelerando sua partida. Logo que chegou a Roma, morreu; e Catarina sentiu vivissimamente a perda de tal mãe, sem achar outro consolo que o de sua heroica virtude. Foi depositado o corpo na igreja das religiosas de Santa Clara no convento de São Lourenço; e cinco semanas depois partiu Catarina para a Suécia, levando consigo as relíquias de sua bem-aventurada mãe, que já havia honrado o Senhor com muitas maravilhas. Tendo-as depositado no mosteiro de Vadstena, encerrou-se Catarina com as religiosas daquela santa casa, onde seu fervor, sua humildade e suas assombrosas penitências deram novo esplendor a sua virtude. Obrigaram-na as monjas a tomar o cargo de prelada: e ela lhes deu a regra de São Salvador, que havia abraçado e observado em Roma por espaço de vinte e quatro anos, sob a condução de sua mãe, derramando o Senhor suas abundantes bênçãos sobre o novo instituto.

Mas, como crescessem cada dia os milagres que operava o mesmo Senhor no sepulcro de Santa Brígida, o rei da Suécia Alberto, os prelados e os grandes do reino moveram-se a solicitar sua canonização, para cujo fim rogaram a Santa Catarina que voltasse a Roma para promover este importante negócio. Foi recebida por Urbano VI com grandes mostras de distinção; mas o cisma que então afligia a Igreja obrigou o papa a suspender por algum tempo as informações do processo, e nossa santa viu-se precisada a retirar-se a seu amado mosteiro de Vadstena, onde, quebrantada já sua saúde com tantas penitências, trabalhos e viagens, foi-se debilitando pouco a pouco e conheceu-se que não estava muito distante o ditoso fim de sua gloriosa carreira.

Havia vinte e cinco anos que nossa santa se confessava todos os dias; mas em sua última enfermidade fê-lo com particular fervor. Não podendo receber o viático pelos contínuos vômitos que a molestavam, pediu que lhe trouxessem à cela a divina eucaristia e, renovando em sua presença com devotíssima ternura os atos de fé, de esperança, de amor e de contrição, entregou a alma nas mãos de seu Criador na véspera da Anunciação da santíssima Virgem, sendo de idade de quarenta e nove anos.

Era tão grande a fama de sua santidade que todos os prelados circunvizinhos e até o mesmo príncipe Érico, filho do rei, quiseram achar-se em seu enterro. O Senhor, que a havia favorecido em vida com o dom de milagres, quis honrá-la também em morte com muitas maravilhas. No ano de 1484, o papa Inocêncio VIII permitiu às religiosas de São Salvador, por outro nome de Santa Brígida, celebrar a festa de Santa Catarina como segunda fundadora da ordem depois de sua santa mãe.

Martirológio Romano

Em Roma, os santos mártires Marcos e Timóteo, os quais foram martirizados no tempo do imperador Antonino.

Na mesma cidade, Santo Epigmênio, presbítero, o qual alcançou a palma do martírio tendo sido degolado na perseguição do imperador Diocleciano, sendo juiz Túrpio.

Também em Roma, a paixão de São Pigmênio, presbítero, o qual, no tempo de Juliano, o Apóstata, arrojado no Tibre, foi morto por confessar a fé de Jesus Cristo.

Em Cesareia da Palestina, o trânsito dos santos mártires Timolau, Dionísio, Pausides, Rômulo, dois Alexandres, Agápio e outro Dionísio, os quais, tendo sido degolados na perseguição de Diocleciano, sendo Urbano presidente, mereceram a coroa da vida.

Na Berberia, o trânsito dos santos irmãos Rômulo e Segundo, martirizados por confessar a Jesus Cristo.

Em Trento, São Simão, menino, que mataram cruelissimamente os judeus e resplandeceu depois em muitos milagres. [^1]

Em Sinada, na Frígia, Santo Agápito, bispo. Em Bréscia, São Latino, bispo.

Na Síria, São Seleuco, confessor.

Missa (oração)

A missa é do comum das virgens, e a oração, como se lê manuscrita num missal antigo da Suécia, é a seguinte.

> **Latim:** *Domine Jesu Christe, qui ex abundantia charitatis, dilectam tibi Catharinam in exemplum fidelium, morum sanctimonia mirabiliter declarasti; ejus meritis et intercessione fac nos tibi devota conversatione et placitis moribus deservire. Qui vivis et regnas...*

Português: Senhor nosso Jesus Cristo, que pelo excesso de vosso amor quisestes propor aos fiéis um exemplo de virtude em vossa amada Catarina, pela santidade de seus costumes, concedei-nos, por sua intercessão e merecimentos, que igualmente vos agrademos com nossa piedosa conduta e com nossas boas obras. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios, a mesma do dia 6.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Nota

«Os falsos apóstolos que procuravam enganar os fiéis de Corinto, ao mesmo tempo faziam quanto podiam por desacreditar São Paulo, não perdoando nem sua mesma presença pessoal, que, por ser de estatura pequena, tratavam de humilde e desprezível; mas eles reciprocamente se louvavam

uns aos outros, ponderando suas prendas e seus talentos. A isto alude o Apóstolo quando neste lugar de sua epístola mostra a vaidade dos louvores que os homens se dão a si mesmos. Só Deus nos conhece tais quais somos, e só em Deus devemos gloriar-nos.»

Reflexões

Qui gloriatur, in Domino glorietur: o que se gloriar, glorie-se no Senhor. Qualquer outro motivo de glória é frívolo e vão. Costumamos ensoberbecer-nos do que deveria humilhar-nos. Busque-se a origem da vanglória e nos envergonharemos de nossa vaidade.

Ensoberbecer-se, olhar os demais com desdém e com desprezo porque um bisavô seu foi homem de mérito e de estima ou porque suas armas e seu apelido se encontram em pergaminhos velhos e em papéis roídos, pode haver vaidade mais néscia nem mais mentecapta? Desenganemo-nos, o mérito é pessoal; as virtudes não são hereditárias. Mais glorioso é deixar a sua posteridade uma nobreza que não se herdou que herdá-la de seus antepassados. Não há dúvida de que a nobreza herdada goza suas prerrogativas autorizadas pelo mesmo Deus; é muito justo respeitá-la, mas será por isso motivo racional de ostentação e de orgulho?

A elevação de um cargo que talvez compraste com teu dinheiro te dá direito para olhar com desprezo os que estão mais abaixo que tu? Em todos os estados parece bem a modéstia; mas se faz mais respeitável nas pessoas de distinção. O orgulho, ao contrário, é mais odioso e se faz ver de mais longe num posto mais elevado. Que mérito mais superficial, mais vão nem mais frívolo que o que se funda unicamente em ter mais posses, melhores alfaias e mais rendas?

Pode haver vaidade mais ridícula nem mais digna de compaixão que a daqueles que se mostram feros, altivos, desdenhosos porque têm boa carruagem, bons cavalos e boas librés? Na verdade, se nisto há algum motivo de vanglória, é preciso que se reparta entre muitos e que toque a menor parte ao que faz mais ostentação desta bobagem.

Uns ricos adornos inspiram ordinariamente altivez; mas pode havê-la mais mal fundada nem mais sem substância? Tem-se por mais que os outros o que se veste com mais primor e com mais ostentação; mas valha a verdade, o que há mister de tantas galas e de todo esse aparato para fazer-se estimar será por si mesmo muito estimável? Dando ao operário o louvor que lhe toca e às telas o preço e a estimação que lhes corresponde, que ficará para o pobre que as traz? *In vestitu ne glorieris unquam* [^2].

Mas, oh, que é homem de grande engenho, de muito entendimento! Pois, se assim é, terá pouca vaidade. Rara vez se acha o orgulho em almas verdadeiramente capazes. Uma virtude extraordinária, um mérito sobressalente, uma pessoa de prendas muito singulares, de ordinário sempre é muito modesta. Os que merecem ser mais estimados são de ordinário os que menos se estimam a si mesmos. As almas vulgaríssimas, os entendimentos curtos, os espíritos que se arrastam pela terra e não sabem levantar-se do pó, esses são os que estão sujeitos a esses inchaços de coração que inflamam o homem e o fazem pensar grandiosamente de si. Certamente

é preciso que valha bem pouco aquele que se sustenta de fumaça e de vento. *Gloriantes ad quid valebimus?* Os que se louvam a si mesmos tanto, de ordinário servem para nada. O desprezar os outros é prova clara de pouco talento e de curta capacidade. A estima de si mesmo é enfermidade de entendimento e achaque do coração. Ama-se a glória, suspira-se pela glória, busca-se a glória; este é todo o objeto e todo o móvel dessa fera paixão. Ah, Senhor! E poder-se-á achar a verdadeira glória fora de vosso serviço? Não é esta ainda nesta vida a legítima herança de vossos fiéis servos? Apesar da inveja e da malignidade dos libertinos, é a estima um tributo, digamo-lo assim, que a razão se vê precisada a pagar à virtude cristã. Ditoso, Deus meu, o que só sabe gloriar-se em vós! Ditoso o que só faz vaidade de comprazer-vos! Quem é mais digno do respeito e da estima dos homens que o que vos agrada?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, o mesmo do dia 6.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. 8 E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. 9 Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que

não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Do pecado mortal

Primeiro ponto

Considera que o pecado mortal é o maior de todos os males e, falando propriamente, o único mal que se deve temer. Perdas de bens, de honra, de saúde; infortúnios, acidentes desgraçados, quantos suspiros, quantas lágrimas custais, quantos maus momentos dais, de quantas penas sois causa! Mas em meio disso o que é justo, o que está em graça, é digno do respeito dos anjos, é homem feliz. E, ao contrário, alcance um quanto possa desejar, seja o homem mais ditoso do mundo; se está em pecado mortal, que é aos olhos de Deus, que é o único que sabe conhecer perfeitamente o mérito de todas as coisas? Objeto de horror, objeto de sua indignação e de sua ira. Compreende por aqui quanta é a malícia do pecado mortal. Ainda que um homem morra pobre, menosprezado, desgraçado, é feliz se morre sem pecado mortal; mas que é, depois da morte, do monarca mais poderoso de todo o universo, do homem mais ditoso do mundo, se morre em pecado?

Considera que todas as desgraças que têm sucedido desde o princípio do mundo; esse dilúvio de males que inundou toda a terra; as guerras, as pestes, os incêndios, as enfermidades e tantos outros açoites; a eterna condenação de tantas almas; o inferno mesmo, esse centro onde se juntam todas as desditas, tudo é efeito funesto de uma só culpa mortal. Infere daqui a malignidade do pecado mortal.

Não se podiam imaginar criaturas mais nobres nem mais perfeitas que os anjos; e com tudo isso um só pecado mortal, que se reduziu unicamente a um pensamento de orgulho consentido e que só durou um momento, precipitou nos abismos e condenou aos eternos suplícios um sem-número de criaturas perfeitíssimas, que podiam dar a Deus tanta glória por toda a eternidade e a quem Deus havia criado singularmente para sua glória. Concebamos agora, se é possível, que coisa é o pecado mortal, esse pecado que se comete com tanta facilidade e quase sem remorso; esse pecado tão universal em todas as idades da vida; esse pecado que se comete rindo, por diversão e por via de entretenimento.

Meu Deus! Sabemos bem o que nos ensina nossa religião? Temos sequer uma leve tintura dela? É possível que se domestiquem os cristãos com o pecado, sendo o menor pecado mortal o maior de todos os males, sendo o único mal que há no mundo! E é possível que haja quem possa viver um

só instante em pecado!

Segundo ponto

Considera que, por terrível que seja a pena com que Deus castiga o pecado, não obstante jamais iguala sua malícia.

Um só pecado de desobediência priva o primeiro homem da justiça original, priva-o de todos os dons sobrenaturais e acarreta-lhe a ele e a toda a sua posteridade aquela quase infinita multidão de males que nos farão chorar até o fim dos séculos. Seis mil anos há que Deus está vingando-se, e até agora não se deu por satisfeita sua vingança; ela durará enquanto dure o mundo; e o fogo do inferno que acendeu a ira de Deus permanecerá aceso por toda a eternidade. Concebamos, se é possível, por efeitos tão terríveis a malícia da causa que os produz.

Quantas pessoas de conhecida virtude, ricas em merecimentos, que haviam chegado a um eminente grau de perfeição, por um só pecado mortal foram infelizmente condenadas!

Tenha-se vivido sessenta, oitenta anos em exercícios da mais rigorosa penitência; tenham-se praticado os atos mais heroicos de todas as virtudes; tenha-se convertido todo o universo; tenham-se feito até milagres: um só pecado mortal destrói, aniquila, por dizê-lo assim, todo este cúmulo de boas obras. Num momento se incorre na desgraça de Deus; num momento se faz o pecador horrível a seus olhos; e, se vem a morrer neste pecado, é eternamente objeto de sua ira e de suas vinganças.

Logo é muita verdade que o pecado não somente é o único mal, mas que, falando propriamente, não há nem pode haver outro mal no mundo. Mas considera-se-o como tal? Ah, que o pecado agrada, que o pecado tem atrativo, e até se pode dizer que muitas pessoas não acham gosto nos prazeres se não estão temperados com o molho do pecado! E não sou eu deste número? Tenho olhado até agora o pecado com muito horror? Ah, Senhor! Se consulto minha grande facilidade em cometê-lo e o nenhum pesar de havê-lo cometido, que posso pensar nem que posso dizer?

Detesto, Deus meu, detesto minha cegueira. Admiro, adoro vossa bondade e vosso sofrimento. Perdoai-me minhas culpas passadas, pois minha penitência vai dar testemunho de meu arrependimento. O pecado é o único mal que devo temer e também será o único que temerei daqui em diante.

Jaculatórias

> *Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.* Sl 50.

Apagai, Senhor, as manchas de minhas culpas; e, se já tenho a ventura de estar lavado delas, purificai-me cada dia mais e mais.

> *Quomodo possum hoc malum facere, et peccare in Deum meum?* Gn 39.

Como é possível, meu Deus, que possa resolver-me jamais a cometer a maldade de ofender-vos e de injuriar-vos?

Propósitos

1. Foge do pecado como da serpente, diz o Sábio, porque, se te arrimas a ele, te picará. De hoje em diante, a nada tenhas horror senão ao pecado. As enfermidades, a perda dos bens, os contratempos, os acidentes mais funestos da vida mal merecem o nome de males, porque sempre nos podem ser muito úteis. Nada desejes, nada empreendas que não vá acompanhado deste salutar temor; e repete muitas vezes durante o dia, ou ao menos todas as manhãs, esta bela oração da santa Igreja:

> *Domine Deus omnipotens, qui ad principium hujus diei nos pervenire fecisti, tua nos hodie salva virtute; ut in hac die ad nullum declinemus peccatum, sed semper ad tuam justitiam faciendam nostra procedant eloquia, dirigantur cogitationes et opera: per Christum Dominum nostrum.*

«Ó Deus e Senhor onipotente, que me concedestes a graça de trazer-me à claridade deste dia, rogo-vos que me defendais com vossa virtude poderosa para que não cometa nele pecado algum; antes, que todos os meus pensamentos, palavras e obras se dirijam unicamente a servir-vos e agradar-vos, sendo todos regulados por vossa santa lei. Por nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.»

2. Não basta ter horror ao pecado, é mister procurar inspirar este mesmo santo horror a todos os que estão a nosso cargo. A maior parte dos filhos seriam tão santos como São Luís, se todas as mães fossem tão cuidadosas de sua educação como a piedosa rainha dona Branca. Não se passava dia em que esta devotíssima princesa não repetisse muitas vezes ao príncipe seu filho estas admiráveis palavras: Filho meu, embora saibas bem o muito que te amo, mais quisera ver-te morto que com um só pecado mortal na alma.

Aprende tu esta lição, imita este exemplo; repete o mesmo a teus filhos cada dia e procura que se antecipe neles ao uso da razão este horror ao pecado, este santo e salutar temor de Deus. Oh, quantos se conservariam inocentes! Quantas famílias seriam ditosíssimas se se cuidasse de inspirar a tempo aos meninos este santo horror ao pecado!

[^1]: Entrada que reproduz a antiga tradição sobre Simão de Trento, cujo culto foi suprimido pela Igreja em 1965, por falta de fundamento histórico. [^2]: Eclo 11.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:21 by Admin